

Capitão Sérgio acha que no episódio do Para-Sar réu é o antigo regime

“Quem está em julgamento não é o Capitão Sérgio. É o próprio regime autoritário. Isso aí é como exorcizar um demônio”. Com esta frase o Capitão Sérgio Ribeiro Miranda de Carvalho — do Caso Para-Sar — explica, no programa **Persona** que vai ao ar hoje, às 22h, pela Rede Manchete, o seu calvário e as dificuldades que tem encontrado para se reintegrar à Aeronáutica, apesar de ter tido como defensores da sua causa dois dos maiores mitos das Forças Armadas brasileiras: Marechal Cordeiro de Faria e Brigadeiro Eduardo Gomes.

“O problema não é meu, é do Governo”, observa ele, esperançoso de que a Nova República lhe restitua os direitos e os sonhos perdidos durante os anos de arbítrio. “Espero que me seja feita justiça, que eu seja ressarcido dos meus prejuízos. Não espero nada de espetacular. Sou um homem feliz”, afirma o Capitão Sérgio, para acrescentar: “Sinto uma vontade grande de realizar algo pelo meu país”.

O caso começou no dia 14 de junho de 1968, quando foi chamado para uma reunião, juntamente com outros integrantes do Para-Sar (Primeira Esquadrilha Aeroterrestre de Salvamento), pelo Brigadeiro João Paulo Burnier, Chefe-de-Gabinete do Ministro da Aeronáutica, que pretendia acabar com o comunismo no Brasil — “queimar etapas históricas”, como dizia ele.

Pelo plano de Burnier, segundo o Capitão Sérgio — também conhecido como Sérgio **Macaco** —, o Para-Sar (tropa de elite da Aeronáutica) deveria ser usado para atos terroristas, cuja culpa recairia sobre os comunistas. Na estratégia do Brigadeiro, pequenas cargas de explosivo deveriam ser colocadas na loja Sears, no Citibank e na Embaixada dos Estados Unidos, para que causassem algumas mortes. Depois, o grupo promoveria acidentes de maiores dimensões, como explodir o Gasômetro e o reservatório de água de Ribeirão das Lajes, além de assassinar líderes políticos e estudantis. Isso possibilitaria uma caçada aos comunistas que seriam “mortos a pauladas, à la Indonésia”, com o apoio da população, segundo raciocínio de Burnier.

Recusa

O Capitão Sérgio Miranda de Carvalho, contudo, recusou-se a participar desse genocídio. “Eu já fui para lá para dizer não”, conta ele. Ao deixar a reunião do dia 14 de junho, o Capitão Sérgio encontrou-se com o Coronel Barata Neto, contou-lhe tudo que havia ocorrido e deu-lhe ciência da sua intenção de falar sobre o assunto com o Ministro da Aeronáutica, Márcio de Souza e Melo. Barata Neto, entretanto, pediu-lhe tempo para preparar o espírito do Ministro para a notícia.

Na mesma noite, Barata Neto ligou para Sérgio e transmitiu-lhe o seguinte recado: “O Burnier mandou dizer que admirou a sua coragem de enfrentá-lo. Pois, se ele quisesse, lhe esmagaria como um piolho. Você vai voltar para o Para-Sar e ficar quieto”. No outro dia, através do Brigadeiro Délio Jardim de Mattos, Sérgio **Macaco** contou ao Brigadeiro Eduardo Gomes a sua história. A partir daí, o Brigadeiro foi um dos seus principais protetores, tendo até, no dia 20 de maio de 1974, escrito uma carta ao Presidente Ernesto Geisel, solicitando que interferisse no caso do Capitão Sérgio.

A reintegração do militar cassado pelo AI-5 à Aeronáutica várias vezes foi articulada. Numa ocasião, ela esteve próxima, quando o Ministro Golbery do Couto e Silva pensava em coroar a extinção do AI-5 com a restauração dos direitos do Capitão Sérgio. O mesmo ato que serviu para tirar-lhe da vida militar serviria para reintegrá-lo. Geisel, porém, recuou, porque havia no Exército um caso parecido e ele não queria atender a um, sem beneficiar também o outro.

Durante todo o programa, que teve como entrevistadores o jornalista Roberto D’Ávila e a historiadora Lúcia Hippólito e os depoimentos do jornalista Zuenir Ventura, do indigenista Orlando Vilas Boas, do cartunista Ziraldo e dos professores Afonso Arinos e Hélio Silva, o Capitão Sérgio mostrou-se, sobretudo, um homem de fé e de esperança. “Sou aquele chato que leva três tombos, e está sempre de pé para o próximo”, concluiu ele, esperando que se faça justiça.